

FAMÍLIA

Embora as relações familiares de crianças e adolescentes em situação de rua sejam permeadas por conflitos, a família permanece sendo uma importante rede de pertencimento para esses sujeitos. Seus vínculos resistem, ainda que fragmentados e permeados por ambivalências.

Nas pesquisas analisadas, as famílias de origem de crianças e adolescentes em situação de rua são, com frequência, numerosas, marcadas pela violência, pela carência material e afetiva, por ameaças na comunidade, pela perda de parentes, pelo uso de drogas e pelo trabalho infantil. O modelo familiar mais comum não é o nuclear e os rearranjos familiares, que incluem recasamentos e separações, são descritos com naturalidade. Ainda assim, os grupos familiares costumam girar em torno das mães. Os pais biológicos geralmente estão ausentes e, em algumas casas, a figura do padrasto acaba complicando as relações intrafamiliares. Histórias de abuso físico e sexual são uma constante nos relatos destas crianças e destes adolescentes (PALUDO; KOLLER, 2008; BARROS et al., 2009; ARPINI; QUINTANA; GONÇALVES, 2010).

Em parte dos casos, a casa representa privação e o desenvolvimento forçado de relações intrafamiliares problemáticas. Afeto e aceitação, alternados com indicações de maus-tratos e rejeição, fazem parte do cotidiano familiar desses sujeitos. Essa dinâmica costuma gerar uma ambivalência afetiva em relação ao lar e certa fragilidade nos laços familiares (SILVA; AVELAR, 2014). Nas ruas, parte das crianças e adolescentes segue idealizando suas famílias de origem e afirma desejar retornar para suas casas (FERREIRA; LITTIG; VESCOVI, 2014). Episódios que revelam a ausência e/ou negligência das figuras parentais e os rearranjos familiares caminham lado a lado com a idealização de uma família unida e feliz (YUNES et al., 2001; TFOUNI; MORAES, 2003).

Devemos registrar ainda que, para parte daqueles em situação de rua, as instituições de acolhimento representam suas casas, suprimindo parte os vínculos familiares já enfraquecidos, rompidos ou mesmo inexistentes. Crianças e adolescentes acolhidos constroem vínculos de solidariedade entre si, que surgem a partir de vivências cotidianas, mas, ainda assim, os conflitos e a desconfiança persistem (MEDEIROS et al., 2002).